

# Noites Italianas



KATE HOLDEN

# Noites Italianas

As mulheres não falam com ela;  
acham que vai roubar seus namorados... E vai!

Tradução  
Carolina Caires Coelho



Copyright © 2010 by Kate Holden  
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

1ª Impressão — 2013

**Produção Editorial:**  
Equipe Novo Conceito  
Impressão e Acabamento RR Donnelley 130913

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Holden, Kate, 1972- .

Noites Italianas / Kate Holden ; tradução Carolina  
Caires Coelho. -- Ribeirão Preto, SP : Novo  
Conceito Editora, 2013.

Título original: The romantic  
ISBN 978-85-8163-272-8

1. Amor 2. Relacionamentos dependentes -  
Austrália - Biografia I. Título.

---

13-05287

CDD-306.7092

Índices para catálogo sistemático:

1. Austrália : Relacionamentos dependentes : Biografia 306.7092



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 – Ribeirão Preto – SP  
[www.editoranovoconceito.com.br](http://www.editoranovoconceito.com.br)

*Àqueles que me ensinaram o certo e àqueles que me amam agora.*

*E a Pete (1971-2010), que me iniciou na doçura.*



*Esta é uma obra da minha imaginação, e também a  
verdade. Todos os nomes foram trocados e as descrições, reduzidas.  
São memórias sinceras, vistas com o olhar de hoje.  
A autora é real.*





## *sumário*

PARTE UM: <i>Jack</i>	11
PARTE DOIS: <i>Guido</i>	41
PARTE TRÊS: <i>Massimo</i>	99
PARTE QUATRO: <i>Rufus</i>	135
PARTE CINCO: <i>Gabriele</i>	177
PARTE SEIS: <i>Donatella</i>	211
PARTE SETE: <i>Kate</i>	251
<i>Agradecimentos</i>	255





*parte um*

Jack

*O amor de um homem é algo à parte na sua vida;  
A existência toda dessa mulher.*

BYRON



– VOCÊ VEM MESMO?

– Será que eu vou?

Ele se diverte com isso.

– Só se você quiser.

– Mas só se você quiser que eu vá. Não quero ser intrusa. – Ela disfarça o prazer. – Eu detestaria arruinar seu silêncio e sossego.

– Pode arruinar. Quero ver.

Ela hesita, e então diz:

– Estou indo, estou indo. Pegarei o trem das seis e quinze. Procure uma garota pequena, mas muito sensual e com um grande sorriso.

– Uma mulher, não uma garota.

– Essa *mulher* ficará muito feliz ao vê-lo hoje à noite.

Jack convida e ela vai. Será que deveria ter hesitado, como é o costume? As mulheres não dizem que é preciso fazer os homens correrem atrás delas? Ela dissera sim ao convite dele, naquela noite no pub, em Roma, depois de eles se beijarem, um pouco antes de ele terminar de pedir. E então corou. – Não vou atrapalhar – dissera ela. Ficou tentando imaginar por que permitira que ele tomasse as rédeas. Aquilo tudo provavelmente era um capricho dele, não duraria. Mas ele havia suspirado em seus seios naquela primeira noite:

– Preciso disso. Caramba, não tinha percebido o quanto, Kate. Você é *linda*. – E ele tinha aquela boca sexy. Ela gostara de fazê-lo sorrir sem parar.

Seis horas ao sul no trem saído de Roma. As palmas de suas mãos estão úmidas. Ela sabe que, de certo modo, aquela é a melhor parte: a

ansiedade. Esta noite ela vai trepar. Seu corpo frouxo vai se remexer e explodir. Ela imagina, e seu rosto esquenta contra a janela fria do trem. Nos minutos antes de o trem partir ela percebe que, no fim das contas, não sente nada.

Mas, quando desce na estação, ela se esquece de dar um sorriso bonito: sua boca se entreabre de surpresa. Ela caminha na direção dele em meio à multidão, tomando o cuidado de parecer casual, mas está usando batom e tem metade da sua idade.

– Muito bom te ver. – E ali está ele, sorrindo.

Seus lábios quentes a surpreendem dentro do carro.



Ela veio à Itália em busca de três coisas: Roma, românticos e romance. Quatro coisas. Veio em busca de si mesma também.

Roma parece ser o melhor lugar. Ela precisou sair da Austrália. E ali, na cidade da eternidade, pode ser que encontre algo que a ajude a persistir. Ela pode se perder antes de ser encontrada.

Nada a fazer além de explorar. Nada a ser além de um fantasma. É a liberdade, afinal.

Dinheiro guardado para se sustentar; um amigo de um amigo com um quarto extra em seu apartamento; os meses adiante. A cidade com a qual ela tem sonhado, a luz do sol no fim do túnel.

Em seu caderno, o lema que Shelley havia gravado em um anel quando chegou à Itália: *Il buon tempo verrà*. A época boa está vindo.

E então ela chega a Roma, e chega em um dia dourado de outono. Olha para a abundância de luz do sol nos prédios; o céu quente encaixado como uma mão sobre sua cabeça, o ar leitoso, e a esperança de que encontrará gentileza.

As mentiras dos últimos anos deixaram sua pele pegajosa, amaciaram seus ossos até ela mal conhecer a própria forma. Agora, sua tarefa é

a dos românticos que tanto ama: realizar-se, tornar-se quem é. Ela sabe que não será fácil. *Ser abusada por ter um coração humano é comum, mas sempre cruel*, escreve em seu diário.

A Itália será um teste. As coisas se esclarecerão. Se precipitarão. Ela quer paz, quer compreensão. Depois dos anos na escuridão, ela quer se tornar, finalmente, uma mulher clara e transparente.



A casa fica em um mar de oliveiras. Elas curvam as folhas cinza ao redor da luz prateada; espalham-se pela casa como um oceano brincalhão. Adiante, uma linha pálida: é o próprio mar. Ela e Jack estão de pé no telhado baixo, observando a manhã tranquila como um sonho.

– Você mora em uma torre no fim do mundo – diz ela. – Me faz lembrar um príncipe em um conto de fadas, que se esconde do mundo para pensar em um espelho mágico. Ou em sua coleção de relógios quebrados.

– Quem me dera! Esse príncipe tem que trabalhar. Você ficará bem?

– Sim, vou ficar. – Ela se vira e o abraça. Os lábios dele são frios e meio finos, lábios típicos de um inglês. São também um pouco secos. Mas sua língua é úmida como a de qualquer rapaz. Ela pensa na imagem que os dois devem formar, duas pessoas abraçadas em um telhado, as únicas coisas verticais contra o mar prateado. E eles podem até mesmo tombar com o peso daquele desejo. – Vou ficar te esperando.

Ele olha para ela. Aqueles olhos azuis rabugentos.

– Que bom te ver. Obrigada por ter vindo. Gosto de sua companhia.

Ela ri, porque ele está querendo dizer muito mais coisas.

– É bom ser vista. Agora vá. Vou ler poesia o dia todo com cara de ninfa.

– Deus me ajude! – diz ele, beijando-a mais uma vez e descendo a escada. Ela para, mas depois o segue para um último beijo.



O dia está frio, mas ela leva um prato de salame e queijo de volta ao telhado, senta-se no chão contra o parapeito baixo e abre seu Byron.

O pensamento sussurrado de corações cúmplices,  
A pressão da mão ansiosa...

Ela deixa os versos de lado.

Até ali, tudo bem. Ele parece satisfeito, mais do que satisfeito, por vê-la. Eles criaram uma pequena rotina, tudo em uma noite: ele é o homem mais velho e impetuoso; ela, a fada provocante. Ele balança a cabeça enquanto tira os anéis de prata dela antes de fazerem amor; ela observa, encantada por ver um homem fazer aquilo com tanta delicadeza.

– Prata é para adolescentes – diz ele. – Você deveria ter apenas um bom anel de ouro.

– Está me pedindo em casamento? – Nunca poderia ser isso, não depois de uma noite, nem mesmo se ele dissesse aquilo dali a um ano. Primeiro, porque há uma esposa em algum lugar. E, de qualquer modo, ela adora seus anéis de prata.

Ele ri.

– Não me pressione. – Ele a beija e a puxa para baixo, no tapete ao lado da lareira em uma sala de estar no sul da Itália, com taças de vinho da região perto do fogo – *Ó, por uma taça do cálido sul!* Eles fazem amor e ela se sente muito poderosa ali, porque consegue fazê-lo gemer, enquanto ela mantém, o tempo todo, os olhos abertos e o observa sendo enlouquecido.

É a vez dele de observar quando, depois, eles se soltam.

– Você é quase boa demais nisso.

Ela olha para ele, de repente, surpresa:

– Eu gosto de homens. Gosto de deixá-los felizes.



Ele não diz mais nada, mas vai buscar vinho.

Ele já notou que há algo de errado com ela. E diz, depois da terceira taça:

– Tem algo em seu rosto...

– O quê?

– Você tem um rosto lindo. – Ela cora. – Mas algo... você ainda não é totalmente formada. E tem o quê? Trinta anos? Você ainda não parou. Quando faz cara de inocente, fica linda. Quase se parece com uma criança.

– Juro que sou uma velha por dentro.

– Ah, não acho. Não, você é uma moça admirável com, devo dizer, lindos seios. Eu sou o velho arruinado. Você vai se arrepender daqui a um ou dois dias por ter se envolvido comigo.

Ela sobe a mão pela coxa dele, segura seu pênis.

– Você está ótimo, velho. Acho que somos bons nisso. – Ela olha para ele com delicadeza. O vinho deixou sua fala carregada. – É muito bom encontrar alguém como eu.

– Sim. – Ele segura sua mão e a afasta de seu pênis, segurando seus dedos. – Acho que somos parecidos.

Os dois, um homem casado e uma mulher com metade de sua idade, sentam-se ao lado da lareira e sussurram segredos. *Adoro ficar sozinho. As outras pessoas me cansam. Quando fico sozinho, parece que uma porta se fecha, todas as cortinas descem, não sei bem se isso é bom. Oh, sei o que você quer dizer. Sou assim. Talvez eu fique mais feliz sozinha. Sim, eu também. Mas também... é bom estar com alguém, a pessoa certa. Você é linda. Você é linda. Venha aqui.*

*Mas não se apaixone por mim, hein?*

*Meu Deus, não!*

E eles riem.

No telhado, ela se lembra do orgasmo dele, da respiração resfolegante, de seu corpo tenso quando ele disse, Ah, Kate, ah, Kate, vou gozar,

e sua voz falhou. Ela se lembra disso e o sangue faz seu couro cabeludo arder. Ela não gozou, mas da próxima vez, talvez, logo.

É uma aventura – foi para isso que ela foi até lá. Algo *faltava* dentro dela; já haviam lhe dito isso antes, ela já havia sentido dentro de si. Um tipo de passividade. Ela não levava nada a sério; não era real. Aquela falta de expressão lhe dava coragem. Se nada importasse, nada poderia feri-la. Talvez ela precisasse de algo que a machucasse para tornar tudo real.



Os dois se aproximam cada vez mais. Ele passa o dia no trabalho; ela lê Byron, escreve em seu diário, arruma a casa e então, antes de ele voltar, ela toma banho, se troca, coloca velas nos degraus da escada para recebê-lo, espera. Sente prazer no ritual de preparação; quer que tudo fique perfeito; seu coração bate forte no peito ao ouvir a porta do carro bater. Sente um pouco de vergonha da demonstração que faz. Será exagero? Será que ele vai considerá-la sentimental? Um equilíbrio delicado entre o agradar e a tolice. Mas quando ele entra na sala e encontra a lareira acesa, a garrafa de vinho à espera, a moça abrindo os braços e enroscando-se nele, ele se afasta para sorrir para ela e diz:

– Obrigado. Tudo está lindo. É maravilhoso voltar para casa e te encontrar.

Ela amolece: esse prazer é permitido. É boa anfitriã, elogia a si mesma. Fazê-lo sorrir é seu sucesso; fazê-lo gozar é sua moeda. Eles estão se unindo, estão se tornando mais íntimos. Ele adora conversar com ela. Aquele ímpeto, o retrain de seus segredos e dúvidas frágeis. E ela se revela – mas não tudo, porque algumas coisas são melhores se não forem ditas. Ela não fala sobre o passado. Não diz a ele que o sexo que a deixava elétrica tornou-se um pouco morno conforme ele parece se cansar. O envolvimento dos dois no tapete perto da lareira se torna mais

curto a cada noite: como um prelúdio para a conversa. Mas ele fica de pé na frente dela e aproxima os lábios a centímetros dos seus, e então espera, sorrindo: tremores de desejo percorrem o corpo dela, e, naqueles momentos, é ele quem a observa, impotente e surpreso.

Enquanto fazem amor à luz da manhã, ele pergunta:

– Você tem medo que eu me apaixone por você?

Ela o encara:

– Sim, um pouco. Bem, quero que você goste de mim...

– Gosto muito de sua companhia. – Ele adora ser inglês, tão contido. Ela mordisca sua orelha, ele entende a brincadeira. – Mas quanto a me apaixonar...

– É que... Não acho que você vai se apaixonar, mas, se acontecesse, talvez eu não conseguisse mais levá-lo a sério. Sempre percebo que, quando alguém se apaixona por mim, parece que eu perco o respeito pela pessoa. Fico achando que há algo de errado nela. – Ela se abaixa para beijar os mamilos dele.

– Não há nada de errado comigo. E prometo que não vou me apaixonar por você.

– Ótimo – diz ela, abocanhando seu pênis.

É quase fácil demais brincar com o corpo dele. Saber como pressionar, acariciar, mexer, segurar e deixá-lo tenso a ponto de gemer... *assim...* e *assim*. Ela fica mal impressionada quando, apesar de sua atenção e carícias, o pênis dele não enrijece naquela manhã. Ah, resistência. Então ela não vai começar a desprezá-lo, afinal.

Ele sai para o trabalho e ela se satisfaz de modo tão intenso e livre que é quase depravado.



O horizonte se afasta e se aproxima ao longo do dia. No parapeito, ela olha para as oliveiras prateadas, para a beira do mar e além, para um

céu de inverno que reluz. Os três elementos se fundem. Às vezes, o mar parece próximo; outros dias, ele se funde ao céu. Ela permanece acima dele com roupas pretas: uma nesga no azul ou algo inteiro?

À noite, enquanto coloca as velas para fora a fim de receber Jack, ela para e olha a escuridão. Nunca viveu em nenhum lugar tão longe quanto aquele: longe de outras pessoas, longe das luzes. Apenas ela, um ser humano em todo o vazio. Lá fora, as oliveiras se reúnem, cestos de ar preto. Ela sente o vento que passou pelas árvores batendo em sua pele. Ela faz parte de algo ali; fica tão parada quanto uma oliveira, desejando ter a mesma firmeza.

Fincada no solo da atenção de Jack, ela se sente muito grata; tem estado à deriva ali, na Itália, nesse pouco tempo, sozinha em Roma: caminhando pelas ruas da cidade, sempre sem qualquer destino, sem qualquer contato importante com outro ser humano, mera observadora. Não há internet onde ela mora nem em outro lugar próximo, não há linha de telefone fixo; os telefonemas são caros; o mundo que ela deixou está além de seu alcance. Era o que ela queria, desaparecer; mas havia se tornado solitária. Ali encontrou uma pessoa que se importa com ela.

Mas ela observa enquanto ele dorme; ela sabe, mas é incômodo, que pode estar num joguinho. E tudo o que quer é sinceridade. Ela se força a reconhecer o medo dentro de si, de não ser a garota admirável que acredita ser; as vezes em que pensou uma coisa e demonstrou outra. O conforto de afastá-lo, ainda que ele não saiba, com seu olhar frio e calculista.

Todo esse tempo sozinha, na paz do campo de oliveiras. É perturbador.



Na manhã seguinte, ela acorda infeliz. A satisfação desapareceu como sabão. Sumiu. Ela está assustada, nua. Nada aconteceu; é que tudo a impressiona com a falta de sentido. Ela olha para a chaleira na cozinha de Jack com um pouco de medo. Como, ela pensa, eu cheguei aqui, nesta

cozinha, segurando esta chaleira comprada por um homem que não conheço – esse Jack –, ai, meu Deus, o que ele vê? Uma menina horrorosa, com todos os seus truques e artimanhas, *essa cabeça maluca*? Ela caminha até o espelho do banheiro. O que vê parece cansado, feio e inquieto.

As horas da tarde antes de ele chegar em casa são as mais demoradas. No telhado, olhando a vista; mas as oliveiras são de um verde-escuro, o mar que ela poderia visitar está longe demais, ela teria que atravessar os campos, o agricultor poderia vê-la, ela poderia se perder, e, se demorasse horas, como voltaria para casa? O mar é a única coisa à vista, não há mais nada. Shelley entendeu essa infelicidade:

O raio do mar ao meio-dia  
Está brilhando ao meu redor, e um tom  
Surge de seu movimento contido,  
Que doce! Algum coração compartilha de minha emoção.

Ai de mim! Não tenho esperança nem saúde,  
Nem paz por dentro nem calma ao redor,

... – Nem fama nem poder, nem amor, nem lazer,  
Outros que vejo a quem estes cercam –  
Sorrindo eles vivem, e chamam prazer de vida; –  
Para mim, esse copo tem outra medida...

Ela está presa ali naquela torre, como se fosse Rapunzel. Passa os dedos pelos cabelos curtos. “Você ficaria linda de cabelos compridos”, dissera ele. “É mais feminino.” Mas ela havia cortado os cabelos compridos ao chegar à Itália, para se sentir mais definida.

– Você se permite agir como criança – diz ele. – Isso não vai te levar a lugar nenhum. É adulta, uma mulher crescida, pare de fingir que não é. Você está se prejudicando.

– Gosto do meu cabelo assim.

– Por que não experimenta deixá-lo comprido? Aproveite e se livre desses anéis ridículos. – Ele a está provocando, seus olhos brilham e se divertem. – Pare de ser criança.

Ela não consegue. Talvez ele tenha razão, ela está do avesso. Não sabe como fazer de outro jeito; não gosta de ouro. Ele apontou: tem algo desleixado nela, um tipo de incapacidade. Ela já tem quase trinta anos e se veste como uma estudante dez anos mais jovem. Voltou à última vez em que ela sabia quem era e quando se sentia forte. Hoje, sente-se fraca e perdida; o ar nela murchou demais.

Ela fica de pé no parapeito e fuma e fuma para preencher o vazio.

Quando Jack chega em casa, encontra a sala de estar escura e à luz de velas, com ela de pé, silenciosa. Ela levanta o rosto abatido e calmo – talvez uma parte pequena dela esteja fingindo, porque ela não pode correr o risco de ele não perceber. Seu coração bate com tristeza. Ele dá um passo para trás.

– Jesus Cristo – diz ele –, quem morreu? – E acende a luz.

O brilho das chamas das velas desaparece na sala iluminada.

– Você parece uma visão – ele diz. Ela se aproxima e o abraça, ainda sem falar, pressionando a infelicidade no corpo firme dele. – Pelo amor de Deus.

Ele a beija rapidamente e caminha para o outro lado da sala, tirando o crachá do casaco.

– Acho que você leu poesias tristes a tarde toda enquanto outras pessoas estavam tentando colocar o mundo para funcionar. Bem, venha, vamos acender a lareira e preparar o jantar. O dia foi bem difícil.

Ela força um sorriso:

– Conte-me o que houve, querido.

